

Quantificadores nominais em Mawé

Dulce do Carmo Franceschini¹
José de Oliveira dos Santos da Silva²

Resumo

Pretende-se neste artigo apresentar uma descrição morfossemântica dos quantificadores nominais em Mawé. Nesta língua, há dois morfemas pluralizadores e uma série de morfemas coletivizadores. O uso dos morfemas pluralizadores é determinado pelas características semântico-referenciais da entidade sobre a qual incidem e implicam em diferentes formas de pluralizar, ou seja, pluralizam entidades percebidas como unidades ou como conjunto de unidades. Já os coletivizadores sempre indicam que a entidade é percebida como um conjunto, sendo que os morfemas coletivizadores representam as diferentes características semântico-referenciais destas entidades.

Palavras-chave: Quantificadores nominais. Pluralizadores. Coletivizadores. Mawé. Tronco Tupí.

Abstract

This paper presents a morphosemantic description of nominal quantifiers in Mawé. This language has two plural markers and several collective markers. The use of plural markers is determined by the semantic-referential characteristics of the pluralized entity and indicate they are perceived as units or sets of units. On the other hand, collective markers always indicate that the marked entity is perceived as a set of units, and the various semantic-referential features of these entities are represented by the markers themselves.

Keywords: Nominal quantifiers. Plural markers. Collective markers. Mawé. Tupian Stock.

Introdução

A Língua Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues como único membro da família linguística Mawé – tronco Tupí. É falada pelos Mawé (ou Sateré-Mawé), povo que vive há mais de 400 anos na região do Tapajós-Madeira, no Baixo-Amazonas. O território Mawé, chamado Andirá-Marau, foi

1 UFU/UnB-LALI.

2 José de Oliveira dos Santos Silva é professor sateré-mawé e atual coordenador da Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA).

demarcado pela FUNAI em 1982 e compreende 788.528 hectares situados entre os Estados do Pará e do Amazonas, nos municípios de Parintins, Barreirinha e Maués no Estado do Amazonas. De acordo com censo realizado em 2003 por Peri Teixeira, a população sateré-mawé, incluindo os indígenas que vivem em áreas urbanas (Manaus, Maués, Parintins) e na área indígena chamada Kuata-Laranjal, no município de Autazes, é de cerca de 8.500 pessoas.

Neste artigo apresentaremos uma descrição e análise dos quantificadores nominais do Mawé, feita a partir de dados coletados por nós mesmos em situações naturais de comunicação. Primeiramente, apresentaremos os morfemas pluralizadores e, em seguida, os morfemas indicadores de coletivo.

I. Morfemas pluralizadores

Em Mawé, os nomes podem ser quantificados pelos morfemas pluralizadores {-Tia} e {koʔi}. O emprego destes morfemas é condicionado pelo caráter massivo (contínuo, não enumerável) ou contável dos referentes dos termos. A oposição massivo/contável, embora sua origem seja ontológica, representa uma visão que a língua Mawé impõe sobre os seres e as coisas do universo.

O morfema {-Tia} é empregado para pluralizar termos que designam seres do mundo espiritual e humanos; mas também os termos que designam seres animados não humanos ou inanimados, quando estes fazem referência a humanos (ex. nome dos clãs); e termos que designam animais domésticos ou domesticados, ocorrendo nesse caso uma humanização do referente, devido, provavelmente, à relação afetiva que se estabelece com o animal.

Já o morfema {koʔi} é empregado para pluralizar termos que designam entidades ontologicamente massivas – água, farinha, mas também termos que designam seres animados não-humanos e entidades inanimadas.

Essa distinção representa em Mawé um sistema classificatório no qual opera a oposição apresentada no quadro abaixo:

{-Tia}	{koʔi}
+ Humano	– Humano
– Contínuo	+ Contínuo
– Massivo	+ Massivo
+ Individualizado	– Individualizado

Os morfemas pluralizadores {-Tia} e {koʔi} indicam também diferentes operações de quantificação. Enquanto o morfema {-Tia} indica uma operação somente sobre a quantidade, {koʔi} indica uma operação sobre quantidade e

qualidade, o que explica a compatibilidade desses dois morfemas. Vejamos os exemplos:

- (1) tuʔisa: - ria
 ‘tuxaua’ + pl.
 “tuxauas (‘chefes’ tradicionais)”
- (2) awiato koʔi
 ‘onça’ pl.
 “Onças”
- (3) hirokat-ria koʔi Ø -tu -wat pi:ra pe
 ‘criança’+ pl. pl. p.3+Md.I+ir/pl. ‘peixe’ posp.
 “As crianças foram pescar.”

Enquanto a interpretação do exemplo (1) é “vários tuxauas (indivíduos)”, a interpretação do exemplo (2) é “várias (quantidade) espécies (qualidade) de onças”, ou seja, vários subconjuntos de onças. Já o exemplo (3) é empregado em um contexto em que há diferentes subgrupos de crianças (por exemplo: na escola, as diferentes turmas); {-ria} neste caso indica que há mais de uma criança e {koʔi} que estas crianças fazem parte de diferentes grupos.

Após esta breve apresentação das características morfossemânticas dos morfemas pluralizadores {-Tia} e {koʔi}, apresentaremos suas características mais específicas abaixo.

1.1 O morfema {-Tia}

Esse morfema pode se realizar como [-tia], [-ria] ou [-nia]. O emprego dessas variantes é condicionado por regras morfofonêmicas que operam na língua Mawé em fronteira de morfemas.

A variante [-tia] é empregada quando a sílaba final do termo determinado é fechada e apresenta, em posição final, a consoante oclusiva bilabial [-p] ou a oclusiva velar [-k], conforme mostram os exemplos abaixo:

- (4) ŋap > ŋap-tia “caba > as cabas (clã)”
- (5) pirik > pirik-tia “roedor não-comestível > roedores (clã)”

É interessante notar nestes exemplos, que o morfema {-Tia}, além de pluralizar o referente do termo que determina, humaniza-o. Nos exemplos (4) e (5), os termos ŋap-tia e pirik-tia fazem referência não a seres do mundo animal, mas a humanos (clãs).

A variante [-ria] é empregada quando a sílaba final do termo determinado é fechada e apresenta, então, a consoante oclusiva [-t] em posição final, ou é aberta, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (6) hirokat > hirokat-ria “criança > crianças”
 (7) akuri > akuri-ria “cotia > cotias (clã)”
 (8) aware > aware-ria “cachorro > cachorros”

No exemplo (6), o morfema {-*Tia*} apenas pluraliza o referente do termo que determina, uma vez que este faz referência a humanos. Já nos exemplos (7) e (8), o emprego de {-*Tia*} serve não apenas para pluralizar, mas também para humanizar os referentes.

Finalmente a variante [-*nia*] é empregada quando a sílaba final do termo determinado apresenta uma consoante nasal, seja em posição inicial ou final, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (9) paini > paini-*nia* “pajé > pajés”
 (10) paritiŋ > paritiŋ-*nia* “nome de um ser do mundo espiritual/sobrenatural”

O exemplo (9) faz referência a humanos e o (10) a um ser do mundo sobrenatural, para o qual não existe um termo equivalente em português. Ambos fazem parte do conjunto de seres pluralizáveis por {-*Tia*}.

I.2 O morfema {*koʔi*}

Conforme já dito acima, este morfema é empregado para pluralizar termos que fazem referência a entidades massivas (ex.11), inanimadas (ex.12 e 14) ou animadas não humanas (ex.13) e operam sobre a quantidade e a qualidade ao mesmo tempo, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (11) ii > ii koʔi “terra > diferentes tipos de terra”
 (12) nu > nu koʔi “pedra > diferentes tipos de pedras”
 (13) akuri > akuri koʔi “cotia > diferentes grupos de cotia”
 (14) meiko kai tiŋ mi:hare saware koʔi se:se tiŋ
 deit. posp. part. ‘também’ ‘vassoura’ pl. ‘muito’ part.
 “E também deste lado de cá, havia muitas vassouras.”

No exemplo (14), em que o interlocutor fala de um barco que estava no porto pronto para ir para a cidade, **saware koʔi** faz referência a diferentes conjuntos de vassouras amarradas e não a unidades.

No entanto, quando unidades da mesma espécie ou tipo não são agrupadas em conjuntos, a indicação da quantidade é feita por morfemas coletivizadores, conforme será mostrado no tópico II abaixo.

O morfema {**koʔi**} também pode ser empregado com humanos, mas neste caso opera principalmente sobre a qualidade, indicando que os mesmos fazem parte de diferentes grupos, conforme mostra o exemplo abaixo:

- (15) índio koʔi rat iʔatu -Ø -ʔe hap irania -ʔin
 ‘índio’ pl. part. p.3pl.+ Md.I+ ‘dizer’ NMZ. ‘outros’ + col.
 “(De) índios, os outros é que são chamados por eles (de índios).”

O exemplo (15) faz parte de um relato que um senhor estava fazendo sobre o que aconteceu no centro de saúde dos indígenas da FUNAI em Manaus. Neste trecho, ele faz referência a quem é chamado de “índio” pelo pessoal que trabalha neste centro. O termo ‘índio’ é então pluralizado por {**koʔi**} fazendo assim referência aos diferentes grupos étnicos que eram chamados de ‘índios’.

II. Morfemas coletivizadores

Neste tópico apresentaremos os morfemas {-ʔi:n}, {**sem**}, {**sok**} e {**tok**}, os quais são empregados em Mawé para indicar que o termo que determinam faz referência a um conjunto de entidades, ou seja, que funcionam como morfemas indicadores de coletivo.

II.1 O morfema {-ʔi:n}

Este morfema é empregado com termos que fazem referência a humanos. Indica que o termo faz referência a um conjunto de pessoas, podendo estas estarem agrupadas fisicamente (em um mesmo local) ou não. Dependendo do significado do termo que determina e/ou do contexto, {-ʔi:n} pode ser interpretado como um coletivo mais genérico, conforme mostra o exemplo (16), ou como um coletivo mais específico, como mostram os exemplos (17) e (18):

- (16) hariporia-ʔi:n Ø -tu -(w)e -potpa:p kahato
 ‘mulher’+ col. p.3+Md.I + refl.+ ‘trabalhar’ ‘muito’
 “As mulheres (em geral) trabalham muito.”

Já nos exemplos (17) e (18), o significado é mais específico, devido ao próprio significado dos termos determinados:

- (17) u -i -wiria -ʔi:n Ø -waku kahato wa -tu -we -mu:ʔe
 p.1+ rel.+ ‘povo’+ col. rel.+ ‘ser bom’ ‘muito’ p.1Incl.+Md.I+ refl.+ ‘ensinar’
 “Meu povo, é muito bom nós estudarmos!”
- (18) u-i-mempit-ʔi:n marau pe
 p.1+rel.+filho ‘Marau’ posp.
 “o grupo de meus filhos (totalidade) está no Marau”

O morfema {-ʔi:n} também é empregado com nomes de pessoas (nomes próprios) para indicar um grupo de pessoas relacionadas de alguma forma a pessoa referenciada, conforme mostra o exemplo abaixo:

- (19) Sukabe -ʔi:n Ø -tu -wat raʔin
 ‘Sukabe’+col. p.3+Md.I+‘ir/pl.’ asp.
 “O grupo do Sukabe (os Sukabe) já foi/ partiu.”

Neste exemplo, o interlocutor faz referência a Sukabe e sua família.

Os morfemas pluralizadores {sem}, {sok} e {tok}, à diferença de {-ʔi:n}, fazem referência a entidades agrupadas em um mesmo espaço físico, mas que são percebidas de diferentes maneiras, como veremos abaixo.

II.2 O morfema {sem}

Este morfema é empregado com termos que fazem referência a não humanos animados. Serve para indicar que o referente do termo determinado está agrupado em um mesmo espaço e que está se locomovendo. Vejamos os exemplos abaixo:

- (20) pi:ra sem “um conjunto de peixes (cardume) se locomovendo”
 (21) u:re sem “um bando de jacamim se locomovendo”
 (22) morepeʔi sem “um conjunto de borboletas se locomovendo”

II.3 O morfema {sok}

Este morfema é empregado, principalmente, para determinar termos que fazem referência a entidades inanimadas que podem ser contadas e que se encontram agrupadas em um mesmo local, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (23) purure sok “um conjunto (monte) de enxadas”
 (24) nu sok “um monte de pedras”
 (25) mani sok “um monte de mandioca”

No entanto, o morfema {sok} também pode ser empregado com termos que fazem referência a humanos. Neste caso indicará que os mesmos estão agrupados em um mesmo local, conforme mostra o exemplo abaixo:

- (26) mi:t -ʔi:n > mi:t -ʔi:n sok
 ‘pessoa’+ col. > pessoa’+col. col.
 “pessoas” > “pessoas agrupadas em um mesmo local”

Neste exemplo, o morfema $\{?i:n\}$ serve para indicar que o termo *mi:t* faz referência a um grupo de pessoas em geral (valor genérico), e o morfema $\{sok\}$ serve para restringir a abrangência da referência de *mi:t-?i:n* às pessoas que se encontram em um mesmo local, como por exemplo, no barracão de reuniões.

II.4 O morfema $\{tok\}$

Este morfema é empregado com animados não humanos que vivem em colônias (exs. 27 e 28) ou que se encontram agrupados em um mesmo local (ex. 29), conforme mostram os exemplos abaixo:

- (27) sa:ri tok “formigueiro”
 (28) ŋap tok “colméia”
 (29) moi tok “conjunto de cobras”

O morfema $\{tok\}$ também é empregado com inanimados que são percebidos como um todo não contável, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (30) hu tok “monte de espinhos > espinharal”
 (31) asap tok “monte de cabelos”

Estes são alguns dos inúmeros morfemas indicadores de coletivo que a língua Mawé emprega para fazer referência aos seres e objetos do universo. Os demais morfemas coletivizadores encontram-se parcialmente descritos na gramática da língua Mawé elaborada pelos professores indígenas em língua materna (ver bibliografia).

Conclusão

Conforme exposto neste artigo, a quantificação de nomes em Mawé nos permite compreender um pouco mais da percepção que esta língua impõe aos seres e objetos do mundo, já que, de acordo com a percepção que se tem das entidades, diferentes morfemas são empregados. Além disso, pode-se dizer que a quantificação implica nesta língua qualificação, já que os morfemas pluralizadores $\{-Tia\}$ e $\{ko?i\}$ e os coletivizadores $\{-?i:n\}$, $\{sem\}$, $\{sok\}$ e $\{tok\}$ classificam as entidades de acordo com suas características semânticas. Ou seja, são unidades linguísticas que não indicam somente conceitos gramaticais como plural e coletivo, indicam também uma classificação semântica das entidades do universo que é própria da língua Mawé.

Referências

- Culioli, Antoine. 1975. Note sur ‘détermination’ et ‘quantification’: définition des opérations d’extraction et de fléchage. Paris: DRL Université Paris VII.

- Franceschini, Dulce. 1999. La Langue Sateré-Mawé – description et analyse morphosyntaxique. 297 f. Tese de Doutorado – Universidade Paris VII (Denis Diderot), Paris.
- Franceschini, Dulce (Coord.). 2005. *Sateré Mawé pusu agkukag*. Manaus: EDUA.
- Martin, Robert. 1988. Reference “massive” dès unités nominales. In: Jean David e Georges Kleiber (Eds.), *Termes massifs et termes comptables, Recherches linguistiques* XIII:37-46. Paris: Klincksieck.
- Texeira, Pery (Org.). 2005. *Sateré-Mawé - retrato de um povo indígena*. Manaus: UNICEF.
- Rodrigues, A. D. 1984/85. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista Antropológica* 27/28.